

A Reserva Biológica Federal da Mata Escura e Sua Importância como Unidade de Conservação para os Primatas do Médio Rio Jequitinhonha, Minas Gerais

Author: Fabiano R. Melo

Source: Neotropical Primates, 13(1) : 26-29

Published By: Conservation International

URL: <https://doi.org/10.1896/1413-4705.13.1.26>

BioOne Complete (complete.BioOne.org) is a full-text database of 200 subscribed and open-access titles in the biological, ecological, and environmental sciences published by nonprofit societies, associations, museums, institutions, and presses.

Your use of this PDF, the BioOne Complete website, and all posted and associated content indicates your acceptance of BioOne's Terms of Use, available at www.bioone.org/terms-of-use.

Usage of BioOne Complete content is strictly limited to personal, educational, and non-commercial use. Commercial inquiries or rights and permissions requests should be directed to the individual publisher as copyright holder.

BioOne sees sustainable scholarly publishing as an inherently collaborative enterprise connecting authors, nonprofit publishers, academic institutions, research libraries, and research funders in the common goal of maximizing access to critical research.

NEWS

A RESERVA BIOLÓGICA FEDERAL DA MATA ESCURA E SUA IMPORTÂNCIA COMO UNIDADE DE CONSERVAÇÃO PARA OS PRIMATAS DO MÉDIO RIO JEQUITINHONHA, MINAS GERAIS*Fabiano R. Melo***Introdução**

Antes mesmo da chegada dos Bandeirantes no vale do Jequitinhonha, em pleno século XVII, criadores de gado já ocupavam a região (Mascarenhas *et al.*, 1989). Entretanto, somente com a descoberta do ouro nas décadas finais de 1600 e da extração do diamante no século seguinte que, de fato, esta região ganhou espaço na história econômica brasileira e seu povoamento se deu de forma mais efetiva (Mascarenhas *et al.*, 1989). Este processo rápido de urbanização alcançado promoveu dificuldades no abastecimento de gêneros alimentícios para a região, o que favoreceu o surgimento de uma frágil agricultura de subsistência, associada, quase sempre, à pecuária de corte (Mascarenhas *et al.*, 1989). Ainda assim, nos anos de 1840, a zona de ocupação nativa da Mata Atlântica em Minas Gerais se limitava à região entre os rios Doce e Jequitinhonha, onde índios Botocudos vagavam livremente, atacando intrusos com certa frequência (Dean, 1997).

Ainda hoje, o índice de pobreza ostentado pela região é elevado, ocasionando uma intensa migração da zona rural para os grandes centros urbanos e um esvaziamento demográfico persistente (Brasil, IBGE, 2004). Com mais de dois terços da população vivendo na zona rural, ela tem sido caracterizada em vários estudos como “região deprimida”, onde os índices de pobreza, miséria, desnutrição, mortalidade, analfabetismo, desemprego e infra-estrutura sócio-econômica imperam desfavoravelmente em grande parte dos municípios (Gonçalves, 1997; Dias *et al.*, 2002; Ribeiro e Galizoni, 2003).

A média bacia do rio Jequitinhonha estende-se da foz do rio Araçuaí até a cidade de Salto da Divisa, no limite dos Estados de Minas Gerais e Bahia. Neste trecho, são registradas formações vegetais adaptadas a baixos índices pluviométricos e altas temperaturas, destacando-se a caatinga de porte arbustivo, indicando intervenção antrópica (Veloso *et al.*, 1991; SEI, 1997).

A floresta estacional semidecidual e decidual, especialmente de terras baixas, de porte mais desenvolvido, intercala-se à caatinga, que desaparece progressivamente enquanto se avança para leste, em direção do litoral. Pelo menos em três municípios dentro de Minas Gerais há presença de floresta ombrófila densa sub-montana e montana: Bandeira, Santa Maria do Salto e Salto da Divisa (Veloso *et al.*, 1991; Silva e Casteleti, 2003; Andrade, 2004). O antropismo adqui-

re maior proeminência nos municípios mais próximos do baixo rio, o que se evidencia nas extensas pastagens que dominam toda a área. Generaliza-se uma vegetação secundária envolvendo eventuais remanescentes da cobertura vegetal original insulados nos topos das elevações (Gonçalves, 1997; Melo, 2004).

Exatamente em função dessas condições ambientais e da zona de tensão ecológica presente na região que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) decretou, em 05 de junho de 2003, a Reserva Biológica (REBIO) da Mata Escura. A reserva abrange uma área aproximada de 51.000 ha, entre os municípios de Jequitinhonha e Almenara (Fig. 1).

Breve Histórico

Sua história de criação remonta o final da década passada, quando, em 1999, uma equipe do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) visitou a região com o intuito de identificar os principais remanescentes florestais de Mata Atlântica, com base nas áreas prioritárias para conservação da biodiversidade indicadas pela Fundação Biodiversitas (1998). A região nordeste do estado foi priorizada pelo IEF e pela UFMG exatamente por ser a única que contém fragmentos florestais que possam abrigar uma das últimas populações selvagens do mico-leão-da-cara-dourada (*Leontideus rosalia*) e do macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternus*), além de existirem poucos inventários faunísticos significativos para a região (Rylands *et al.*, 1988, 1991–1992; Oliver e Santos, 1991; Pinto e Rylands, 1997; Ribon e Maldonado-Coelho, 2000, 2001; Feio e Caramaschi, 2002; Melo *et al.*, 2002; Ribon *et al.*, 2002).

Na ocasião, em função da descoberta de uma nova população de muriquis-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*) na área (Melo *et al.*, 2002), a Coordenadoria de Proteção da Vida Silvestre, dentro da Diretoria de Pesca e Biodiversidade do IEF, sugeriu a criação de uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral com 20.500 ha, que não foi acatada pela então diretoria geral do referido órgão.

Em 2002, em função de uma compensação ambiental exigida pelo IBAMA com a construção do Aproveitamento Hidrelétrico de Itapebi, em Itapebi (BA), consultores estiveram na região e fizeram um estudo técnico mais detalhado indicando a atual área de criação da reserva na categoria de Parque Nacional. O decreto saiu em 2003, mas considerou a UC como uma REBIO com o dobro do tamanho original sugerido pelo IEF.

O decreto de criação da REBIO foi muito comemorado pela comunidade científica, porém a população local se rebelou e entrou com diversos pedidos na justiça e acabou mobilizando a equipe do Ministério do Meio Ambiente, que estuda

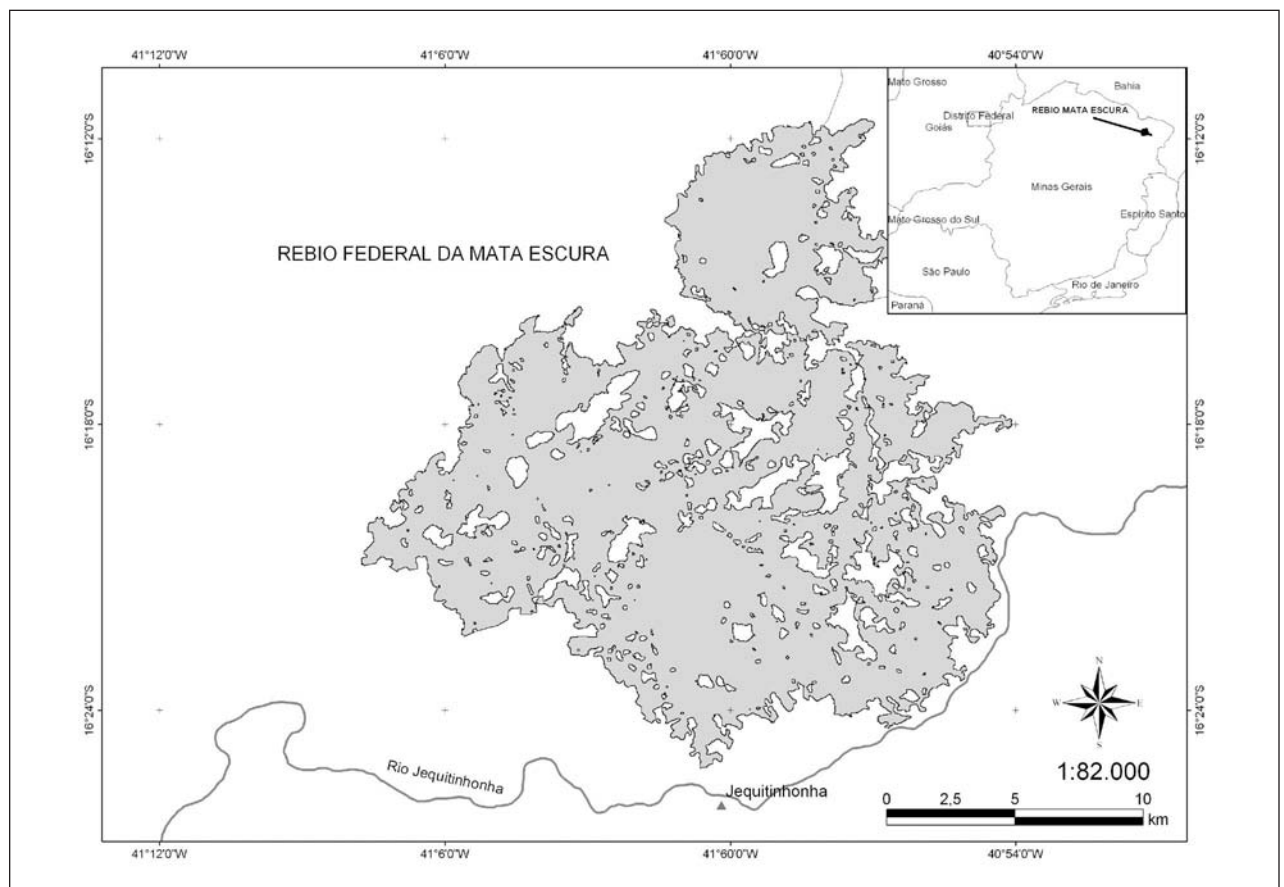


Figura 1. Mapa de localização da REBIO Mata Escura, municípios de Almenara e Jequitinhonha, Minas Gerais.

meios de revogar o decreto. A situação e o futuro da REBIO ainda são incertos, porém, estudos recentes feitos na região têm enfatizado a importância crucial que a área possui para a fauna, especialmente os primatas.

Importância Biológica

Melo *et al.* (2005) encontraram três espécies de primatas criticamente em perigo de extinção no Brasil nessa área protegida e a REBIO se configura como a única localidade do mundo com essas condições, pois foram confirmadas populações para o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternus*), o bugio-ruivo (*Alouatta guariba guariba*) e o miquiqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*). Além das três espécies serem consideradas mundialmente ameaçadas (IUCN, 2004), duas delas se encontram listadas entre as 25 espécies de primatas mais ameaçadas do planeta (Mittermeier *et al.*, 2005). Melo *et al.* (2005) realizaram estudos sobre a densidade populacional de primatas na região do Jequitinhonha e os dados apontam para populações pequenas, isoladas e suscetíveis à caça (Fig. 2).

A REBIO abriga ecossistemas diversos, como os campos encontrados na parte mais elevada sobre solo de cascalho e areia quartzítica, onde as bromeliáceas são abundantes e as arvoretas têm até 3 m de altura. Musgos, líquens, algumas melastomatáceas e arbustos como *Erythroxylum* sp. também estão presentes. A vegetação é característica, diferente de outros campos naturais encontrados no sul e Serra do Espinhaço em Minas Gerais (Andrade, 2004). Como estes campos ocupam pequena extensão, devem ser considerados de alta relevância para conservação, pois apresentam características únicas e podem desaparecer rapidamente sob interferência antrópica. Além disso, a vegetação de Mata Atlântica encontra-se bem preservada em vários trechos da

REBIO, especialmente nos vales encaixados, que são extensos e contínuos.

Da avifauna registrada na Mata Escura, duas espécies foram consideradas ameaçadas em nível global, quatro em nível nacional e dez espécies são listadas como ameaçadas no estado, além de várias outras citadas como presumivelmente ameaçadas (Ribon e Maldonado-Coelho, 2000; Ribon *et al.*, 2002). O gavião-pombo-grande (*Leucopternis polionota*), o gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*), o gavião-pegamacaco (*S. tyrannus*), a tiriba-de-orelha-branca (*Pyrrhura leucotis*), o joão-baiano (*Synallaxis cinerea*) e o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) estão na categoria “em perigo” (nível estadual) e essas três últimas são tidas como “vulneráveis” em nível nacional (Fundação Biodiversitas, 2003). O papagaio chauá (*A. rhodocorytha*) é listado como “criticamente em perigo” em Minas Gerais e “em perigo” no Brasil (Machado *et al.*, 1998; Fundação Biodiversitas, 2003). Juntamente com estas, o tropeiro-da-serra (*Lipaugus lanioides*) é considerado “vulnerável” globalmente e em nível estadual. Como *L. lanioides*, a jandaia (*Aratinga auricapilla*) tem a mesma classificação em nível global, sendo, entretanto, considerada “presumivelmente ameaçada” em nível estadual. O uru (*Odontophorus capueira*), o araçari-banana (*Baillonius bailloni*) e a araponga (*Procnias nudicollis*) também são considerados “vulneráveis” pela lista estadual (Machado *et al.*, 1998).

Não há dúvidas quanto ao extremo valor biológico identificado na região, sua beleza cênica e seu conjunto de ecossistemas, com áreas de transição significativas entre faunas e floras distintas. É dever do Estado zelar pela manutenção desse acervo importante e cabe à sociedade científica se manifestar urgentemente pela manutenção do atual decreto e a implementação imediata da REBIO, uma vez que os recursos previstos pela compensação ambiental existem e necessitam apenas de vontade política para serem utilizados.

Fabiano R. Melo, Departamento de Ciências Biológicas, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola, Campus da Universidade do Estado de Minas Gerais (FAFILE/UEMG), Praça dos Estudantes 23, Santa Emília, Carangola 36800-000, Minas Gerais, Brasil, e-mail: <frmel@carangola.br>.

Referências

- Andrade, P. M. 2004. Refúgios ecológicos nas matas do Jequitinhonha. *Jornal do Biólogo* 37: 6–8.
- Brasil, IBGE. 2004. *Diagnóstico Ambiental da Bacia do Rio Jequitinhonha*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio de Janeiro. Web site: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- Fundação Biodiversitas. 1998. *Biodiversidade em Minas Gerais: Um Atlas para Sua Conservação*. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, Minas Gerais. 94pp.
- Fundação Biodiversitas. 2003. *Revisão da Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção 2003*. Website: <http://www.biodiversitas.org.br/f_ameaca/fauna.htm>.



Figura 2. Indivíduo de macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternus*) encontrado em cativeiro na cidade de Jequitinhonha, Minas Gerais.

- Dean, W. 1997. *A Ferro e Fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Dias, E. C., Assunção, A. A., Guerra, C. B. e Prais, H. A. C. 2002. Processo de trabalho e saúde dos trabalhadores na produção artesanal de carvão vegetal em Minas Gerais. *Cad. Saúde Pública* 18(1): 269–277.
- Feio, R. N. e Caramaschi, U. 2002. Contribuição ao conhecimento da herpetofauna do nordeste do estado de Minas Gerais, Brasil. *Melopsittacus Publicações Científicas* 1(2): 105–111.
- Gonçalves, R. N. 1997. Diagnóstico Ambiental da Bacia do Rio Jequitinhonha – Diretrizes Gerais para Ordenação Territorial. Relatório Técnico, Ministério do Planejamento e Orçamento, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Diretoria de Geociências 1ª Divisão de Geociências do Nordeste – DIGEO 1/NE.1. Salvador.
- IUCN. 2004. *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. Website: <<http://www.redlist.org>>.
- Machado, A. B. M., Fonseca, G. A. B. da, Machado, R. B., Aguiar, L. M. S. e Lins, L. V. (eds.). 1998. *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte.
- Mascarenhas, G. R., Teixeira, C. A. S., Vilela, J. M. C., Martinez, J. E. A. e Féres, M. C. 1989. Levantamento de áreas críticas de mineração do Rio Jequitinhonha. Relatório Técnico, Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM, 3º distrito, Fundação Estadual de Meio Ambiente – FEAM, Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC e Companhia de Saneamento de Minas Gerais – COPASA, Belo Horizonte.
- Melo, F. R. 2004. Primatas e áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade no vale do rio Jequitinhonha, Minas Gerais. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte.
- Melo, F. R., Fontes, D. F. e Rylands, A. B. 2002. Primatas do vale Jequitinhonha, Minas Gerais. Em: *Resumos: X Congresso Brasileiro de Primatologia*, p.56. Universidade Federal do Pará, Belém, 10 a 15 de novembro de 2002.
- Melo, F. R., Nery, M. S., Rodes, E. R., Ferraz, D. S. e Souza, S. L. F. 2005. Densidade populacional e status de conservação de três espécies de primatas criticamente ameaçadas de extinção nos vales dos rios Pardo e Jequitinhonha, Minas Gerais e Bahia. Relatório Técnico, Centro de Estudos Ecológicos e Educação Ambiental – CECO, Fundação Biodiversitas e CEPAN, Carangola. 79pp.
- Mittermeier, R. A., Valladares-Pádua, C., Rylands, A. B., Eudey, A. A., Butynski, T. M., Ganzhorn, J. U., Kormos, R., Aguiar, J. M. e Walker, S. (eds.). 2005. Primates in Peril: The World's 25 Most Endangered Primates 2004–2006. Report to IUCN/SSC Primate Specialist Group (PSG), International Primatological Society (IPS), and Conservation International (CI), Washington, DC.
- Oliver, W. L. R. e Santos, I. B. 1991. Threatened endemic mammals of the Atlantic Forest region of south-east Brazil. *Wildl. Preserv. Trust, Special Scientific Report* 4: 126pp.
- Pinto, L. P. de S. e Rylands, A. B. 1997. Geographic distribution of the golden-headed lion tamarin, *Leontopithecus chrysomelas*: Implications for its management and conservation. *Folia Primatol.* 68: 134–160.
- Ribeiro, E. M. e Galizoni, F. M. 2003. Água, população rural e políticas de gestão: O caso do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. *Ambiente e Sociedade* 6(1): 129–146.
- Ribon, R. e Maldonado-Coelho, M. 2000. Caracterização Preliminar da Avifauna da Mata Escura, Município de Jequitinhonha, Nordeste de Minas Gerais. Relatório Técnico, Instituto Estadual de Florestas (IEF) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. 20pp.
- Ribon, R. e Maldonado-Coelho, M. 2001. Range extension for Slender Antbird *Rhopornis ardesiaca* with comments on external morphology of adults. *Cotinga* 16: 52–56.
- Ribon, R., Whitney, B. M. e Pacheco, J. F. 2002. Discovery of Bahia Spinetail *Synallaxis cinerea* in north-east Minas Gerais, Brazil, with additional records of some rare and threatened montane Atlantic Forest birds. *Cotinga* 17: 46–50.
- Rylands, A. B., Spironelo, W. R., Tornisielo, V. L., Sá, R. L. de, Kierulff, M. C. M. e Santos, I. B. 1988. Primates of the Rio Jequitinhonha Valley, Minas Gerais, Brazil. *Primate Conserv.* (9): 100–109.
- Rylands, A. B., Santos, I. B. e Mittermeier, R. A. 1991–1992. Distribution and status of the golden-headed lion tamarin, *Leontopithecus chrysomelas*, in the Atlantic Forest of southern Bahia, Brazil. *Primate Conserv.* (12-13): 15–23.
- SEI. 1997. *Anuário Estatístico da Bahia. Vol. 11*. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, Salvador, Bahia.
- Silva, J. M. C. e Casteleti, C. H. M. 2003. Status of the biodiversity of the Atlantic forest of Brazil. Em: *State of the Hotspots: The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook*, C. Galindo-Leal e I. de G. Câmara (eds.), pp.43–59. Island Press, Washington, DC.
- Veloso, H. P., Rangel Filho, A. L. R. e Lima, J. C. A. 1991. *Classificação da Vegetação Brasileira Adaptada a um Sistema Universal*. Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), Rio de Janeiro.